



O LIGEY

Ano IV

Outubro de 1870

N. 11

SANGUE

Renzo Pezzani

Folhetim do Liceu

Desce três degraus de granito, empurra uma porta com vidraças e ouvirás sobre tua cabeça a gargalhada de uma campainha como a boca do diabo.

Estás no albergue da pomba.

O nome é inocente mas o ambiente danado. Durante o dia é lugar de carregadores mariolas e retalhistas.

Mas se entrares à noite encontrarás também gente da vida que tem no bolso vintens suados; pais de família que o vinho desamorou da casa. Vem-te ao encontro, por entre a fumaça dos charutos e o cheiro de gaz e de vinho, o hospedeiro Paulo, duzentos quilos de carne amarrados com grande cinturão de couro. Apoia os pulsos na mesa e te pergunta: — Branco ou tinto?

Em torno se joga, se discute sobre cartas imundas, escrevem-se a giz sobre a mesa os grandes números da partida.

Nos breves momentos de silêncio vem da cozinha o som destoadado de pratos e copos que se chocam sob o fio de água.

No albergue da pomba joga-se até a hora em que, extinta a luz da taboleta, Paulo, que tem medo do sargento da ronda, grita: fóra, fóra! e conta na palma da mão as moedas dos freguezes e leva os livros vazios e os maços de cartas das mãos agitadas em disputas.

Esta noite em uma mesa encostada à parede, entre a janela e a estufa, jogam a um bom pedaço, taciturnos, quatro homens.

Um deles é Carlos, por alcunha ferro, o ferrador que tem uma oficina no mercado dos animais. O seu parceiro é Eurico, que mora para cá do poço, que o ano passado não bebia e queria bem os seus filhinhos. Os outros não os conheço.

De improviso Carlos dá um grande murro sobre uma carta e, fulmi-

nando com os olhos o companheiro, lhe grita:

— E's um estúpido!

— A carta era boa!

— E's um estúpido!

— Não compreendeste o jogo.

Mas Carlos é violento, não quer ouvir justificações. E' a quarta partida que perde: deve pagar três litros.

— Arruinastes o jogo. Estúpido! Estúpido!

Insiste na injúria, repete-as em tons de voz os mais insultantes, olhando-nos olhos, provocante, o companheiro humilhado que se desculpa tentando refazer o jogo. Mas a grande mão de Carlos, dura e nervosa agarra as cartas desordena-as, as rasga, as atira fóra.

— Estúpido! estúpido!

Eurico que já bebeu boa dose sente martelar-lhe a cabeça a palavria obstinada e estúpida. Vê-se humilhado diante de toda aquela gente. Grita: — Cala-te ou te arrolho a boca com isto. — E aferra a meia canada de onde um pouco de vinho agitado, se derrama.

Carlos não compreende. O prazer de insultar é para ele naquele momento a única vitória que pode justificar as duas moedas que deve pagar ao taberneiro.

— Estúpido! estúpido!

Eurico então cai sobre ele, derruba-o, está-lhe em cima, e levantando a mão armada com a grande botelha de vinho, lhe grita: — Cala-te ou te mato!

— Estúpido! estúpido!

E Eurico descarregou o braço uma, duas, três vezes.

A gente corre derrubando cadeiras e bancos; sustêm-lhe o braço. Gritos: matou... assassino... foge... sangue... sangue...

Eurico interna-se na escuridão. A valada está cheia de vento frio. Poucos lampeões estão ainda acesos. A

ANIVERSARIANTES

MÊS DE NOVEMBRO

- | | |
|--------------------------------|--------------------------------|
| 3 -- Francisco Loschiavo | 15 -- João Alberto Pinto |
| 3 -- Fauze Badre | 15 -- Decadato de Arruda |
| 5 -- Angelo Marques Curvo | 15 -- Alberto Gomes da Silva |
| 5 -- Auristo Ernesto Schurig | 15 -- Júlio Z. Amiky |
| 6 -- Benedito S. Gonçalves | 15 -- Osvaldo C. Neves |
| 6 -- Teofrastes de Carvalho | 15 -- Alberto Rondon Guedes |
| 7 -- Paulo Pereira da Silva | 15 -- Alberto de Araujo |
| 7 -- José Manoel de Almeida | 19 -- Edmundo X. Cabral |
| 7 -- Pedro Navarros | 19 -- Jair R. de Amorim |
| 8 -- Antônio A. de Almeida | 20 -- Clarindo de P. C. Filho |
| 9 -- Orestes Leite | 22 -- Henrique G. da Silva |
| 9 -- Pedro A. de Souza Junior | 23 -- Rubens A. Leite |
| 10 -- Renato do Couto | 24 -- Helio P. de Arruda |
| 11 -- Delio Monteiro | 24 -- José Sardi de Figueiredo |
| 11 -- Ribas Botelho de Campos | 24 -- Odyr Max |
| 13 -- Benjamin da S. P. Eubank | 24 -- João Eloy de Assis |
| 13 -- Airtton Pinto Fanaia | 25 -- Nilo Neves |
| 14 -- João Bosco A. London | 26 -- Sílvio Corrêa da Costa |
| 14 -- Jacinto A. Latorraca | -- |

Decalogo da alegria

- I -- Ter uma vida cristã.
- II -- Fazer o bem.
- III -- Ser caritativo para com os pobres.
- IV -- Não ser precipitado nos seus juízos.
- V -- Pensar antes de falar.
- VI -- Abrigar sentimentos nobres.
- VII -- Sustentar princípios puros.
- VIII -- Pedir perdão quando ofender.
- IX -- Ter sido generoso para com o inimigo.
- X -- Ter sido honrado nos seus negócios.

«Um caso curioso aconteceu nos Estados Unidos. Um cidadão, não podendo mais aturar a esposa, em lugar de abandoná-la ou de fazer barulho, seguiu outro caminho, que lhe pareceu mais prático: meteu-se no galinheiro. E lá ficou. Almoça, janta, passa o dia entre as galinhas. Dorme com elas. Conyem frisar que o estranho cidadão é professor de filosofia...»

Dia das Missões

Realizou-se no dia 22 do corrente mês, a festa das Missões.

No Seminário houve as missas de costume. A das 6 h e foi celebrada por S. excel. rev. D. Aquino Corrêa por intenção daqueles heróis que abandonam a pátria e a família por amor de Cristo, a fim de salvar as almas que vivem longe do meio Jesus.

Na missa das 8 pregou durante o evangelho o rev. padre Mario Blandino.

Às 20 horas teve início no salão de atos do colégio, o drama "As margens do rio azul". Logo após este emocionante drama, passou-se a gozada farça "Que tenho eu com isso".

Alegrou os intervalos a banda de S. José. Entre as 10 peças que se ouviu, sobressaiu o tango "La camparsita" o tango que nunca morre.

Josué Figueiredo.

O bebado

Martinho, filho de uma virtuosa e santa mulher, ainda jovem, na flôr da idade, já era acompanhado por máus companheiros. Como eles, deu-se aos vícios e à bebedeira.

Sua mãe coitada, já velhinha, não soube logo do que acontecera ao amado filho. Ao sabê-lo, a pobre senhora repreendeu-o severamente e deu-lhe alguns conselhos dizendo: «E' assim, filho, qua escutas as minhas palavras, assim que me obedeces, assim que amas tua mãe? O teu comportamento leva-me ao auge da dor!» O filho jovem de nada se importou, antes continuou cada dia mais na senda do mal.

Já ia alta a noite quando, regressando o filho ebrio, para casa, encontrou a mãe a chorar amargas lágrimas diante de um crucifixo. Dirigiu-se a ela dando-lhe tantas bofetadas, que, exausta caiu por terra. O desgraçado filho, depois de uma infernal gargalhada deitou-se e dormiu.

Mas, não foi um sono reparador o seu. Sonhou que estava à beira de um abismo medonho! Do fundo deste abismo saia um sussurro cavernoso que se aproximava cada vez mais. De súbito aparecem dois vultos pretos. Um deles disse: «Sou a Desgraça» e desferindo-lhe uma bofetada desapareceu. O outro que ali estava, retorquiu: «Quando devias obedecer a tua mãe não quiseste, eu sou a amiga da Desgraça sou a Desobediência» e pegando-o pelo braço lançou-se com ele no abismo!.. Neste transe terrível acorda Martinho e vê sua mãe à cabeceira orando.

Ajoelha-se aos seus pés e pede perdão e promete nunca mais tomar bebidas alcóolicas.

«Meu filho, eu te perdôo» e dizia isto com os olhos rasos de lágrimas, não já pela dor, mas sim, pela alegria.

Oscar

O LICEU

Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo

Cuiabá

— Brasil —

Mato-Grosso

Ano IV

Outubro de 1939

N. 35

A virtude

A virtude, em geral, é um dom do céu. Deus Nosso Senhor concede este dom precioso a todos.

A uns favorece em grande quantidade; a outros, porem, dá-lhes em proporção necessária.

Por que esta incompreensível diferença?

Porque Deus nô-la dá a medida de nossa continua perseverança; se cooperarmos, havemos de ter em grande escala, e, pelo contrário, não cooperando tornar-nos-emos os verdadeiros pobres de espírito.

Pois, bem, aquele meu estimado amigo Luiz é bom.

Tem um coração de oiro, realmente talhado para a virtude.

Em seu coração se vê brotar e florescer o simbólico lírio da santa pureza... Em casa, mostra-se amável, carinhoso para com seus pais e superiores, com uma calma serena, obedece tranquilamente ao horário que seu dever, em casa, lhe impõe. Na rua, pelo seu modo de andar e proceder, esparge de si, um bálsamo de grande estima pelo seu porte modesto, que simpatiza involuntariamente a qualquer transeunte. Na igreja sabe, conscientemente, portar-se com o devido respeito que o lugar santo lhe impõe, fazendo suas preces com profundo recolhimento, encantadoramente!... Nas suas amistosas palestras com os íntimos amigos, havendo, casualmente, qualquer desavença, sabe ele conter-se, fazendo internamente grande violência a fim de evitar o mal e promover sempre o bem.

Afinal vê-se neste moço, esculpido em seu amável semblante a virtude, cujo coração se acha possuído, cheio, a transbordar venturas.

Eis aí, portanto, um exemplo que nos deve estimular, a fim de transmitirmos ao próximo, a paz e a felicidade... Vivendo como bons cristãos, atrairemos sobre nós a benevolência de Deus, o qual pune com rigorosos castigos aqueles que cegamente vão empós o nefasto vício e premeia, com eternos gosos, àqueles corações generosos que no meio deste vale lacrimoso praticam a virtude.

Eis o tesouro de um jovem — A VIRTUDE.





QUE O PREPAREM

Disse D. Boseo, um dia, ter visto em sonho um menino que devia achar-se no Oratório e que ele não conhecia ainda nem pelo nome; mas que tinha certeza de reconhecer, se lho apresentassem.

Em conformidade aos sinais que dera dele, encontraram-no no pátio e o conduziram á sua presença; acariciou-o, deu-lhe alguns conselhos, e mandou-o brincar. Era precisamente o mesmo.

D. Bosco disse então:

— Esse menino ainda não fez o exercício da boa morte. Não o percais de vista: que se confesse: *não ha tempo a perder.*

O catequista tomou o encargo com vivo interesse, e oportunamente. Dalí a pouco, o menino, em consequência de uma queda, era levado para a cama. Horas depois morreu sem sentidos; mas na manhã do mesmo dia tinha já recebido os santos sacramentos com excelentes disposições.

Duas fases

Terminado o curso de admissão, em uma das escolas particulares da nossa capital, resolveram meus pais matricular-me no colégio Salesiano.

Estava na direção do mesmo o bondoso Pe. Guilherme, e como conselheiro o sr. padre Francisco Czaplá.

Pe. Conselheiro como o chamavamos era o terror dos alunos. Bastava a sua presença para nós cessarmos qualquer tentativa de anarquia. Seu olhar sempre severo, infundia respeito e temor.

Havia alunos que preferiam ver a morte de perto, mas, nem de longe o Pe. Conselheiro.

Para o aluno que o penetrasse melhor em suas palavras e ordens, veria que tudo aquilo era uma camada de verniz muito ordinário, debaixo da qual se escondia um coração bondoso e cheio de amor pelos seus alunos.

Manifestei um dia esse meu parecer em uma rodinha de colegas e um deles me disse:

«Você está maluco, esse padre é ruim de natureza, e se ele em dia for diretor, aposto que aqui não fica um aluno».

Não retruquei a tal asserção e assim passou 1938.

* * *

1939.— Março.— Entrada das aulas. Desânimo no meio dos alunos.

— Qual a causa?

— Padre Czaplá diretor!...

P. diretor, desde os primeiros dias começou a cativar os alunos, demonstrando o que na realidade era. Perguntado por um aluno, qual a causa daquela troca, respondeu:

«Ser conselheiro é uma coisa e ser diretor é outra bem diferente».

* * *

Hoje vivemos felizes em termos um diretor tão atencioso e bondoso!...

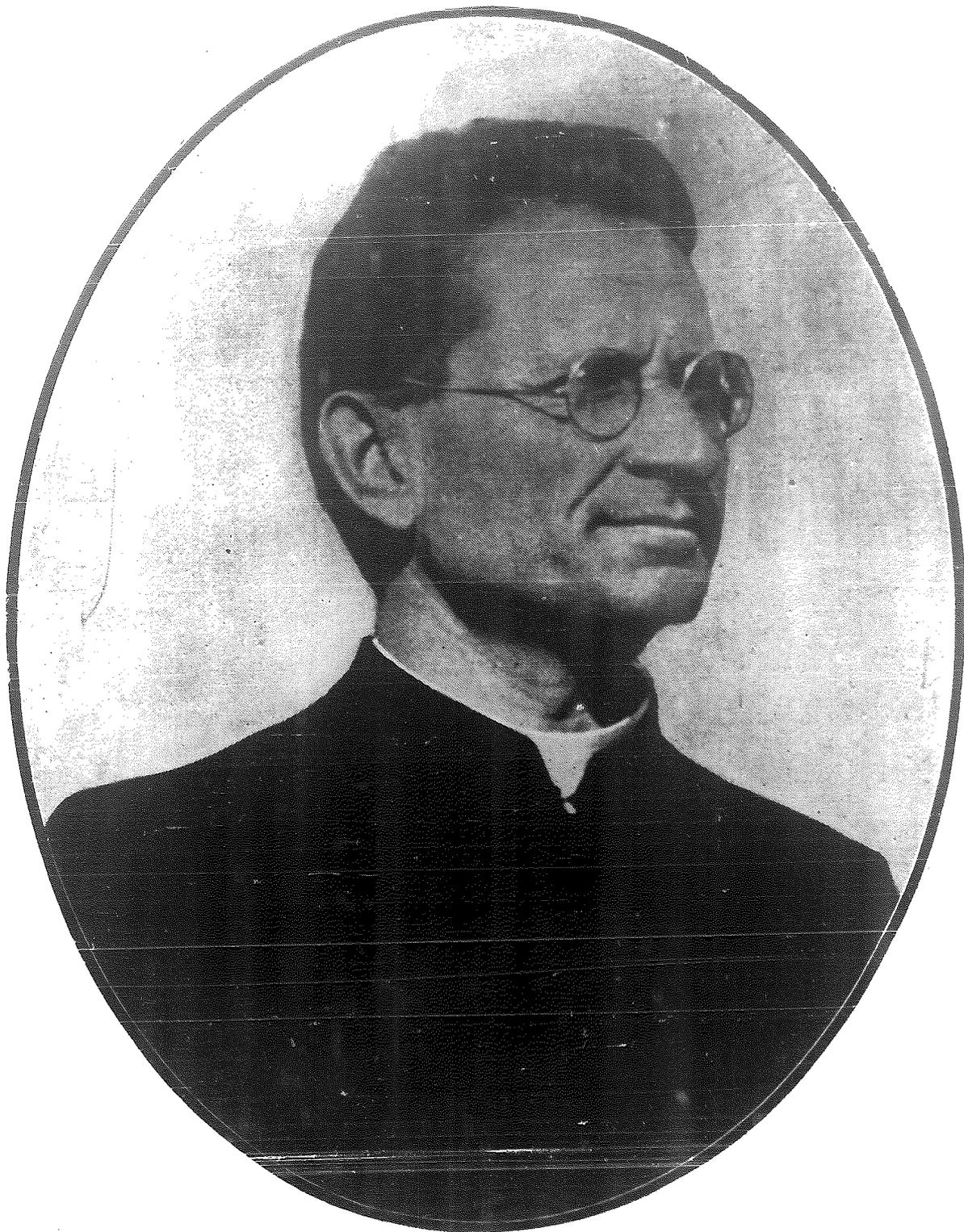
O colégio progride a olhos vistos, e o número de alunos superou o dos anos anteriores.

Faço votos que o bom Deus, conserve por muito tempo padre Czaplá, na direção do colégio para o bem dos seus estimados alunos.

H O M E N A G E M

dos Salesianos e alunos

(19)



Rvmo. Sr. Pe. Francisco Czaplá

M. D. Director deste Liceu de Artes e
Offícios de São Gonçalo

O tremendo dilema

Viva Cristo Rei!

* * *

Não há meio termo: ou com Ele, ou contra Ele. Escolhe. Tens que escolher.

E com Ele, não em parte, mas todo; não hesitante, mas decidido: não de promessa, mas de fato, e realmente.

Com Ele, de inteligência e de vontade, para crêr e para agir.

* * *

Para agir!

Já ninguém pode dormir em nossos arraiais. Ninguém!

Os chefes vigilantes bradam ás armas! Urge atender.

Todos percebem, todos sentem que a hora da refrega vem perto.

Mas o combate começa primeiro aqui dentro. Dentro de mim. Na minha inteligência e vontade. No meu coração.

Que eu vou corrigir; que eu devo formar. Que importa conformar com o meu protótipo — Cristo!

* * *

Meu jovem amigo; despe o manto da apatia, do indiferentismo.

Sacode esse nocivo torpor que te vai matando.

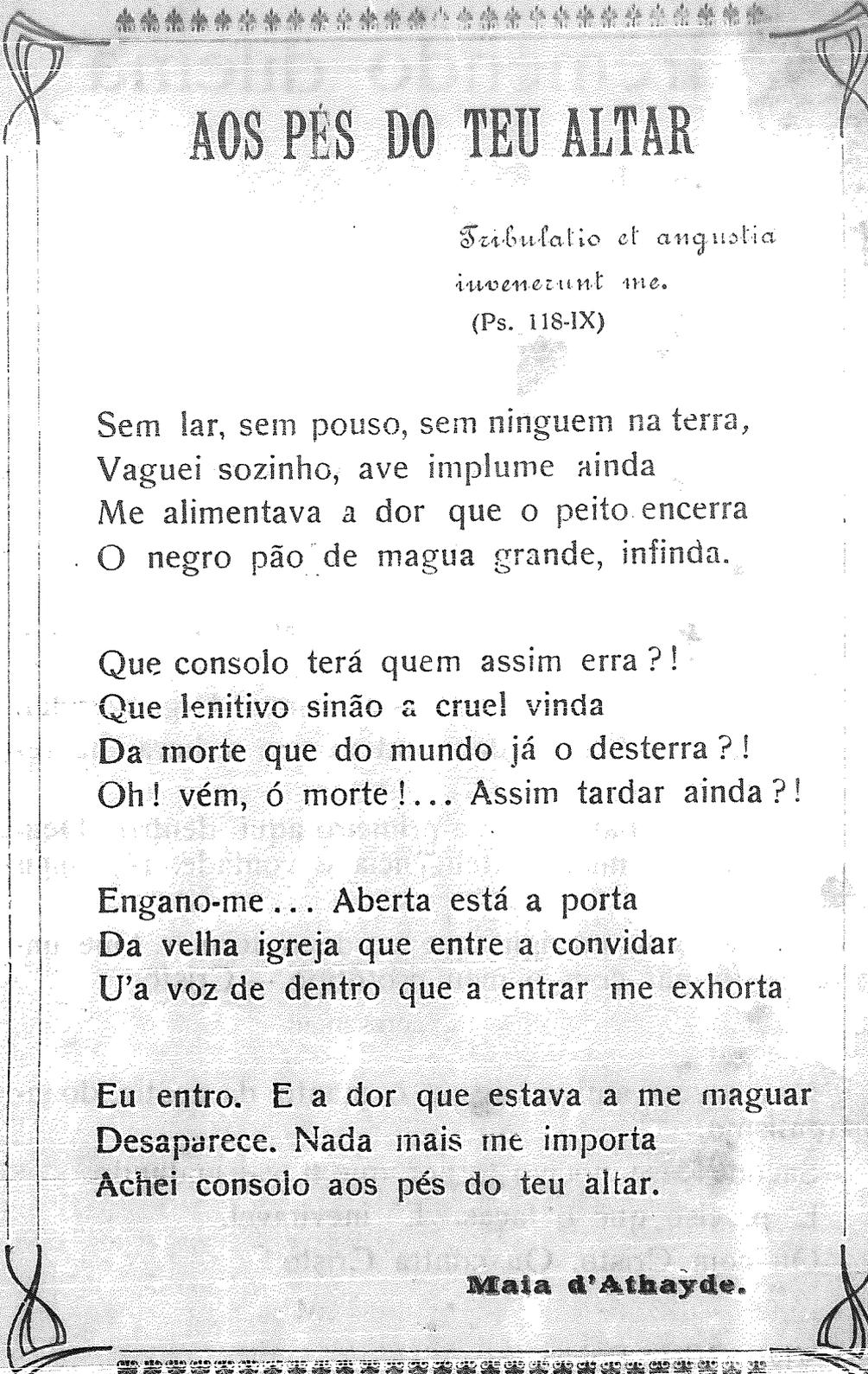
E' preciso que o faças. E' inevitavel.

Ou com Cristo. Ou contra Cristo!

* * *

Viva Cristo-Rei!

BRÁSILIO MARAJÁ.



AOS PÉS DO TEU ALTAR

*Tribulatio et angustia
invenierunt me.
(Ps. 118-IX)*

Sem lar, sem pouso, sem ninguém na terra,
Vaguei sozinho, ave implume ainda
Me alimentava a dor que o peito encerra
O negro pão de magua grande, infinda.

Que consolo terá quem assim erra?!
Que lenitivo sinão a cruel vinda
Da morte que do mundo já o desterra?!
Oh! vêm, ó morte!... Assim tardar ainda?!

Engano-me... Aberta está a porta
Da velha igreja que entre a convidar
U'a voz de dentro que a entrar me exhorta

Eu entro. E a dor que estava a me maguar
Desaparece. Nada mais me importa
Achei consolo aos pés do teu altar.

Maia d'Athayde.

DUAS TIRAS

HELIO MAIA

O *Liceu* tem dois irmãos mais novos, que são *O Ginásio*, de Campo Grande e *O Colégio*, de Corumbá—ambos também meus amigos, cuja visita sempre me alegra. O periodismo escolar é um índice expressivo de cultura. Vale por um incitamento e por uma propaganda. O ideal seria que cada unidade de ensino tivesse seu órgão na imprensa, como ainda agora, em Cuiabá, acaba de fazer a "Escola Modelo Barão de Melgaço" dando a lume o seu jornalzinho, o mimoso *3 de Setembro*.

Na fôlha escolar se espelha o aproveitamento dos alunos e, do mesmo passo, o esforço dos professores. Por outro lado, com o seu órgão—revista ou jornal—o estabelecimento se faz conhecido e se afirma fóra da localidade onde tem sua séde.

O *Liceu* leva a Campo Grande e Corumbá o nome do nosso querido e tradicional Liceu de S.

Gonçalo; *O Colégio* e *O Ginásio* espalham pelo Estado o justo conceito dos ótimos educandários de que são porta-vozes.

E êles todos, num trabalho comum de alta e nobre finalidade, fazem essa rêde de intercambio, essa teia de aproximação inteligente e eficaz entre as varias cidades e zonas do nosso vastíssimo Estado, cujo problema primacial é ainda o do mutuo conhecimento e da compreensão reciproca. Por isso tudo, é com prazer que eu a saúdo, destas minhas duas tiras que não permitem maiores efusões, a trinca fraternal e amiga—do *Liceu*, do *Colégio* e do *Ginásio*, aos quais desejo as mesmas felicidades que auguro, no meu sentimento de matogrossense, às tres cidades-padrões—Cuiabá, Corumbá e Campo Grande cuja cultura juvenil êles dignamente representam.

GRAÇA

Agradeço de coração a graça alcançada por intercessão de São João Bosco.

Envio 10\$ mil réis para uma Missa em ação de graças em honra de Nossa Senhora Auxiliadora e D. Bosco.

6 — 10 — 1939.

Julietta da Silva.

Crônica

Outubro

- 4 — Feriado, pela passagem de mais 1 ano do fecundo governo do snr. dr. Julio Müller, dd. Interventor Federal. Onomástico do nosso estimado Pe. Diretor. Os internos passam o dia às margens do poético Coxipó.
- 5, 6 e 7 — Tríduo em preparação à festa do glorioso São Luiz, patrono da mocidade.
- 8 — Festa de São Luiz de Gonzaga. Missa solene cantada pelo Revmº snr. Pe. Luiz Sutera, dd. Vigário Geral desta Arquidiocese. À tardinha procissão em honra do Santo festejado. À entrada sermão e benção do Santíssimo. A seguir uma animada quermesse nos pátios do Liceu, abalantada pela banda de "São José".
- 19 — Comemoração de São José.
- 21 — Procedente de Anápolis, chega o revmo. snr. Pe. Luiz Zeferrino de Paula, que após longa ausência torna a nosso meio, em visita à sua dd. progenitora.
- 22 — Festa dos Missionários. O corpo dramático do Seminário levou à cena o drama "Às margens do rio Azul" e a comédia "Que tenho eu com isso?" S. Excia. Revmº. o snr. D. Aquino Corrêa, presenciou o ato.
- 23 — Chega da Colônia de Sangradouro o bororinho Pedro Bruneti que vem participar do certamen catequístico dos oratorianos.
- 24 — Comemoração de N. Senhora Auxiliadora e de São João Bosco.
- 29 — Certamen de catecismo entre os oratorianos da cidade, presidido pelo revmo. Pe. Luiz Sutera, dd. Vigário geral da Arquidiocese.
- Sairam vitoriosos :
- Rei — Benedito Gonçalo Teixeira
Principes — Ricardo Pedroso de Barros e
Orivaldo Aquino de Almeida
- mais
José de Carvalho Leite
Justino José da Cunha e o bororinho Pedro Bruneti.



Festa de S. Luiz

Realizou-se no dia 8 de outubro, no Liceu Salesiano, a festa de São Luiz de Gonzaga.

Constava a festa de: missas, comunhões, divertimentos, procissão e quermesse.

Na missa das 6 houve comunhão geral. Eu tomei parte, fiz a minha comunhão; sentindo-me feliz. Após o "Agimus" fomos ao refeitório tomar café com leite.

Às 7 horas ouvi a missa dos alunos para entregar minha caderneta. Durante o dia divertimo-nos.

Chegando a tardinha, o sino repicava festivamente, convidando-nos à procissão. Todos os alunos compareceram à festa que foi boa.

À noite houve a quermesse. Terminou a festa às 9 e 1/2.

A banda de "S. José" executou um vasto e escolhido programa, retirando-se com o bellissimo dobrado: "Retirada da Laguna".

Arcy, Vidal e Temistocles

Corumbá...

...quando te acorda o astro-rei, espadanando seus raios que tu lhos devolve sorrindo na tua alva dentadura de ruas engalanadas de palacetes; quando ostentas o teu loiro rio, onde saltitam dourados, nas ondas murmurantes, com ânsias de abandonar a água, para morrer em teu solo de açucenas alfombrado cá e xaquetado acolá de boninas que sorriram aos nossos dias de criança; quando em tua frente brilha o florão de colinas que adornam tua eterna côroa, refletindo as cores do arco-iris; quando à noite, a Lua passa na etérea mansão, brincando com candidos véus de nuvens e invejando-te quiçá, enquanto miríades de estrêlas piscam maliciosamente da tua umbela cerúlea, e teu Paraguái, querendo parar o seu curso e não podendo contorna-te num abraço carinhoso e precipita-se chorando e dobrando a ponta do morro para sempre... és bela.

Porém, teu filho de ti se enamora, quando lembra tua natureza selvagem, quando o tufão esfusiando passa alizando o cabeça dos montes, dobrando teus delicados arbustos, torcendo a copa das palmeiras, quebrando o tronco das árvores, arrancando teus telhados e jogando-os como a criança travêssa seus brinquedos inocentes...

Então, encrespa teu rio, foge o sol para trás dos montes, teu céu tolda-se, e a Lua medrosa esconde-se entre as mortalhas das nuvens que desabam carrancudas, enquanto crebos raios dardejам iluminando teu semblante assustado e lacrimoso.

Assim és linda Corumbá, quando mostra acima da civilização — Deus — escrevendo com giz de raios no quadro negro do céu: a impotência da humanidade e a falsidade da vida.

C. Tombo

De dez coisas

Nunca te arrependerás

De teres refreado a língua, quando pretendias dizer o que não convinha.

De teres perdoado aos que te fizeram mal.

De teres suportado com paciência as falhas alheias.

De teres dirigido palavras bondosas aos desventurados e tristes.

De teres pedido perdão por falta cometida.

De teres recusado ouvir anedotas inconvenientes e ler escritos da mesma natureza.

De teres escolhido, com prazer, pensamentos, discursos e leituras edificantes.

De teres pensado antes de falar.

De teres honrado a teus pais e superiores.

De teres sido cortês e honesto em tudo.

C. M. S.

Foste criado para amar a Deus: ama algum objeto da terra e sentirás sempre um vácuo no coração, se não amares a Deus. Só Ele pode satisfazer-nos na vida presente e na futura. **D. Bosco.**

ILUSÃO

*A mais linda ilusão dura um segundo,
e dura a vida inteira uma saudade*

G. de Almeida

Vive-se de ilusão!

A vida é cheia de ilusões. Ela viaja bem juntinho de nós a nos enganar, a nos mentir, a nos iludir a vida inteira.

Cégo, vamos no encalço do encantamento que nos seduz.

Fazemos lindos castelos, tão belos como os ninhos de fadas e quando julgamos ter nas mãos seguro, o que sonhamos, somos miseravelmente burlados...

O grande manto da ilusão que cobre os pobres iludidos é de furta-côr. De longe é uma côr e de perto é outra, para maior atração.

O homem, pobre louco, iludido sempre não aprende a lição!

Frederico Silva.

CLÁSSICOS ESQUECIDOS

Tempestade no mar

Diogo Monteiro.

Navegava com tempo feito, seguro das ondas, que devera temer, descuidado da morte, que tinha perto, esquecido dos pecados, que me podiam afogar para sempre; eis que de repente começam a soprar os ventos, empolam-se as ondas, batem os costados da náu, já a levantam ao Céu, já a descem ao profundo; faltam as

forças, esgota-se a arte de navegar; já se não espera mais que o último balanço da náu e lance da vida.

Mas vossa divina misericórdia, quando menos se esperava, acudiu; cessa a tempestade, serenam-se os ares, fica o mar leite, eu livre da morte, que já tinha diante dos olhos, chego ao porto com posse da vida que logro.

VE'SPERA DE EXAME

Suportar uma sogra e a dor de um calo
Sentir vazia a tísica algibeira,
Ter dôr de dente a semana inteira,
Sem sequer um minuto de intervalo...

Pelos pedroços de íngreme ladeira
Descer atado à cauda de um cavalo,
Ouvir Wagner ou o Zé Pereira
Toda a noite até cantar o galo...

Ser na aula coió sem sorte, arara,
Perder no "bicho" o reduzido "arame",
Sofrer um desaforo em plena cara,

O' sorte ingrata! O' sorte infame!
A vida! A nada disso se compara
A de um estudante em véspera de exame.

Teofilo B. Ottoni.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Ao escurecer, em colônia de férias, depois do jantar.
O padre anda preocupadíssimo... Os meninos depressa notam esse desassocêgo.

- O que há, Sr. padre ?
— Há que me sobram sete mil francos para terminar a colônia;
— Muito bem !
— Acham vocês... Mas são mais de doze mil de que preciso para acabar de pagar minhas dívidas.
— Oooooohhhhhhh !...
E esse "oh!" prolonga-se indefinidamente sobre umas carinhas repentinamente enuviadas.

Uma hora mais tarde.
No dormitório só as lamparinas bruxoleam. O padre caminha com passo leve por entre os leitos enfileirados... O que têm os meninos?... Ordinariamente, estão deitados à direita, à esquerda... Essa noite, ei-los todos deitados de costa, os olhinhos bem abertos... Dir-se-ia até que os lábios movem-se... O padre debruça-se sobre a primeira cama, sobre a segunda, sobre a terceira... Lentamente, os pequerruchos desfiam os seus terços... Assim, espontaneamente, só porque o padre se vê em apuros e porque não querem ficar indiferentes...

Por que será que essa comovedora cena não se repete em casa ?
Quando um "filhinho" vê o seu papai e a mamãe tristes, à noite, por que há falta de trabalho, de dinheiro e não se sabe como pagar o aluguel... Por que não ir gentilmente pertinho do papai e da mamãe e dar-lhes um abraço bem forte?... Não faria chegar o dinheiro, mas já-los-ia esperar a sua vinda com muito mais calma e confiança.
E evidentemente não impediria de contar, enquanto se adormece, a cousa a Nossa Senhora que outrora conheceu muito bem esses apertos...

Ontem... ante-ontem... hoje... não notaste nada nos olhos de teus pais?...
Nenhuma inquietação?... nenhum cuiúudo?...
Disseram que a glória da caridade era de adivinhar...
Procuraste adivinhar?... e consolar?...

Versão de João Toussaint.

O mosquito

Coitado do mosquito!
Ninguém o quer. Ninguém o aprecia. Comparando o seu tamanho ínfimo no grande universo, nem parece existir. Tão pequenino! Tão mal-fazejo! Apesar de sua pequenez, é causador, às-vezes, de grandes ruínas no organismo do homem e dos animais.

Já conseguiu um dia matar o rei dos animais — o leão!
Persegue o homem pelas matas, e atormenta-o quando dorme um bom sono.
E' a-fim-de combater este animalzito, que existe um grande exército, "Saúde Pública", com ramificações em todo o Brasil.

João Benedito.

Urubú...

Quando ele passa, ladeira abaixo, manhãzinha cedo o rapazio das calçadas desocupados e vadios, gritam numa ensurdecadora algazarra:

— Urubú...

Passa indiferente, esguio, mesmo ereto, rumo ao seu destino de todos os dias, que é o de tôda a sua vida.

O carregador insolente, as caixeirinhas solertes, os varredores da Limpeza Pública, o lixeiro, o quitandeiro, todos eles teem uma palavra só para aquele homem escalavrado que vai ladeira abaixo, no seu hábito negro:

— Urubú...

O urubú é o Padre. Um ou outro comentário diz apenas «saí, azar...» Velhos de alma empedernida ainda comentam: «Viúva...» Mas em geral o acinte se reduz a esta palavra só: «urubú».

O grande pássaro é de rapina, só vive bem ao redor de carnes putrefactas, é repelente de aspecto, informe, agourento.

No entanto, aquele Padre, que desceu há pouco a ladeira íngreme, levará vida tão abominável que justifique tão pejorativo apelido?

Celebrou a sua missa, ouviu em confissão, ministrou a sagrada comunhão. Depois, a visita aos doentes, aos quais leva o pão do espírito, quantas vezes também o pão do corpo... Ele é o amigo de tôdas

as horas, o conselheiro prudente, o anjo da paz nos lares que o chamam, o interventor amigoso nas disputas, a voz mansa no distúrbio, um raio de sol na tempestade que sopra inclemente.

Estudou mais de dez anos, para ensinar. Sofreu não sei quanto, para saber amar. Renunciou pai e mãe, irmãos, amigos, abriu mão de um lar possivelmente tranquilo e feliz, para se entregar aos outros, aos desherdados, aos que pensam. Não pode ter futuro, porque lhe estão fechadas tôdas as portas de acesso à popularidade barata, fechadas tôdas as portas que se rasgam para horizontes amplos. Fêz-se Padre, há de morrer Padre, à margem das glórias mundanas, das riquezas mundanas, das homenagens mundanas, dos gozos e prazeres mundanos.

Como Colombo, descobre novos mundos e morrá na miséria. Como Cristo, trará a salvação aos homens e há de ser crucificado. Como Napoleão, há de vencer tôdas as batalhas, para ser varrido para uma escarpa abrupta de Santa Helena. E' o destino de todos os heróis e de todos os santos. Por muito menos sacrificaram Paulo de Tarso nas praias de Ostia... e era Paulo de Tarso.

As multidões anônimas são ignaras, insolentes, boçais. Gritam aleivosias porque ouviram dizer. Não as guia um pensamento mais alto. Não as move um sentimento mais nobre. Não é o homem que se expande, é

a fera que urra. Não é um coração que se expande, são os instintos que se desencadeiam. Portanto:

— Urubú...

O Padre, porém, desce a ladeira indiferente á vasa pútrida das calçadas. Sabe que o espírito domina a matéria e que o mundo não é a gritaria alvar do populacho, mas a flor que desabrocha, a ave que chilreia, a alma que se despétala em carícias de amor cristão.

S. d'A.

O fazendeiro usurário

Existia em uma cidade um milionário muito miserável.

Chegando a sua casa um mendigo doente, que mal podia andar, pediu-lhe uma esmola pelo amor de Deus, ele, com voz áspera, respondeu:

— A minha alegria, é não dar nada para patife preguiçoso e vagabundo da rua.

O ancião, saia sem dizer nada. Logo depois, chegava outro pedindo-lhe uma migalha de pão para matar a fome.

Exclama o fazendeiro:

— Eu acabo de dizer a verdade ao outro: O meu prazer e gosto é quando vejo um velho, ou uma mulher pedindo socorro para amparar sua vida.

O cruel infame não dava nada aos infelizes aleijados.

O maldito sempre dizia aos mendigos: nem Deus pode terminar a minha riqueza.

De tão rico o miserável morreu na miséria. Seus filhos, e sua mãe não aproveitou da riqueza ficando tudo aos próprios inimigos.

Othon V. Pinho

Onde está Deus

Meu filho querido vem cá
Sabes tu onde está Deus?

Sei por certo, meu papá!
No santuário, no céu,
No campo, no mar, na flor,
Em tudo que diga — afeto,
Em tudo que diga — amor,
Pra mim, Deus nunca se esconde!
Deus pra mim nunca é secreto!

— Agora, papá, responde:
Onde é que não está Deus?
Onde é que Deus não cabe!

Não sabes! Não sabes onde?
Ai! e meu papá não sabe!!!
Pois vou dizer-te, papá,
Onde nem sabe, nem está.
Com toda certeza Deus,

— É' na alma dos ateus!

Que é saudade?

A saudade não tem propriamente, tradução em nenhuma língua.

Muitas vezes poderemos senti-la e nem sempre conseguiremos traduzi-la.

O que é certo, porém, é que ela simbolisa a ausência de alguma coisa ou alguém que nos é caro.

Quando ficamos, ela é lembrança e quando partimos ela é nostalgia, mas é sempre intraduzivelmente saudade.

Everardo E. Santo.

Quadro de honra

MÊS DE SETEMBRO

4ª série A

- 1 Francisco Gomes Bezerra
- 2 João Crisostomo de Figueiredo
- 3 Wanir Delfino Cesar
- 4 Francisco Benedito Lôbo Duarte
- 5 Telesforo da N. Fernandes F.

4ª série B

- 1 Antônio Faustino da Silva
- 2 Paulo José de Figueiredo
- 3 Ary Josetti Carlos de Pinho
- 4 Álvaro da Costa Rondon
- 5 José Antônio Vilanova e Antônio Pedro da Silva Campos

3ª série A

- 1 José de Carvalho Leite
- 2 Gastão da Costa Ribeiro
- 3 Alcedino Pedroso da Silva
- 4 Henrique Gomes da Silva
- 5 Mário Curvo Epaminondas

3ª série B

- 1 João Antônio Neto
- 2 Geraldo Deschamps de Almeida
- 3 José Faria de Figueiredo
- 4 Ataíde da Silva Bueno
- 5 José Latórraca

2ª série A

- 1 Arcy de Moraes
- 2 Eduardo Hosannah
- 3 Temistocles Alves Ferreira Filho
- 4 Josué de Figueiredo Evangelista
- 5 Decio Matoso

2ª série B

- 1 Antônio dos Santos Pereira
- 2 Thierry Hugucney
- 3 Benedito Mamede de Arruda F.
- 4 Benedito Aureliano Pinto
- 5 Antônio Monteiro da Silva

2ª série C

- 1 João Benedito de Almeida
- 2 Ismael Braga Buchara
- 3 Edmundo Xavier Cabral
- 4 Francisco Loschiavo
- 5 Manoel José Xavier

1ª série A

- 1 Antônio Moraes de Barros
- 2 João Batista Vilela e Aurêo Matoso
- 3 José Monteiro da Silva
- 4 Benedito Ramiro
- 5 Orivaldo de Aquino Almeida

1ª série B

- 1 Marcondes Godoi Andrade
- 2 Aluisio Godoi Andrade
- 3 Benedito Clodoaldo Metello
- 4 Antônio Agostinho Esmela Curvo
- 5 Valdemiro Gonçalves de Abreu

1ª série C

- 1 José Badre
- 2 Arnaldo de Matos Cabral Filho
- 3 Paulo Henrique Vilá
- 4 Nicola Miguel Calix
- 5 João Pecora Filho

1ª série D

- 1 Alcides Joaquim Sant'Ana
- 2 Ataíde Germano Taques
- 3 Ataíde Ribeiro Duarte
- 4 Antônio Nunes da Cunha e Rutenio da Silva Rondon
- 5 Benedito Olmiro de Oliveira e José Rodrigues do Prado

Admissão A

- 1 José de Andrade e Silva
- 2 Mário da Silva
- 3 Moacyr Roque Benevides
- 4 Aloysio Hosannah
- 5 Altamiro Virginio dos Santos e Antônio Leite

Admissão B

- 1 Antônio Nonato
- 2 Galeno Godoi Garcia
- 3 Natalino Ferreira Mendes
- 4 Fauze Butaka
- 5 Firmo Pinto Duarte Filho

No quintal de minha casa, há um enorme pé de mangueira, que todos os anos fica carregadinho de frutos. Após as primeiras chuvas, começa a criança da redondeza a expreitá-lo.

Miram e remiram-no todos os dias, até que um belo dia, surge por entre as folhas, um fruto com um dos lados amarelado.

O que viu o fruto, chama os colegas e aponta lá no alto o fruto cobicado.

Chaveiam as pedras, até que o fruto cai. O mais agil, toma-o e como se fosse um general que acaba de sair vitorioso de uma batalha, mostra-o aos colegas que ficam com inveja de não serem "o dono" como o dono do fruto.

Chega o tempo em que todos os frutos estão maduros e lá ninguém importa com eles, servem até de bola de futebol.

Mangas... Não poderei comparar-te a glória do mundo?

Na mocidade somos disputados por todos; tudo são flores, alegrias e prazeres. Nada nos perturba, somos invejados pelos velhos. É como a primeira manga da mangueira do meu quintal.

Passada a mocidade, que nos resta?

— Nada.

Se soubermos plantar em bom terreno, colheremos alguns frutos na velhice. Caso contrário, serviremos como bolas de futebol, assim como as mangas da mangueira do meu quintal.

Elmano Bandoira.

FIZERAM A PRIMEIRA COMUNHÃO NA FESTA DE SÃO LUIZ

Cratorianos:

Marcílio Claro de Amorim
Natal Antunes
José Joaquim Santana

Estudantes:

José de Gouvêa
Odir Francisco Rodrigues
Edesio Gouvêa Filho
José Anastácio
Valdemiro de Campos
João Batista de Arruda
Paulo Duarte

Temos por estes dias, a passagem do aniversário da Proclamação da República.

15 de novembro. Eis a data que há 50 anos cobriu de glória muitos brasileiros e que hoje é o orgulho de todos nós.

15 de novembro de 1889 foi o dia em que, o Marechal Deodoro da Fonseca, apoiado por várias forças e pelo povo, determinou de arrancar este grande Brasil do jugo português.

O Brasil, que nesse tempo era governado pelo príncipe D. Pedro, e apesar dos inúmeros benefícios por ele prestado, era necessário a República. Benefícios como a independência e vários outros. Mas aqueles grandes homens, viram que para a salvação da pátria era só a proclamação da República.

Salve 15 de novembro! Que sejas acolhido como sempre, com alegria e festejos.

Odir Max.

APRENDIZES que mais se distinguiram pela aplicação nas oficinas no mês de setembro

Carpinteiros

- 1º Maximiliano Lino
- 2º Miguel Domingos de Arruda
- 3º Sergio Ferreira Duarte

Alfaiates

- 1º Jamito Soares
- 2º Manoel Erasmo Vieira
- 3º João Ferreira

Sapateiros

- 1º Linésio de Albuquerque
- 2º Jair Soares
- 3º Joaquim Ribeiro

Tipógrafos

- 1º José Rondon
- 2º José da Costa
- 3º Laurindo de Arruda

Encadernadores

- 1º Valdevino Dias
- 2º Francisco Santiago
- 3º Luiz Bastos de Arruda

Do humilde Juízo de si mesmo

É muito natural que o homem tenha
Desejo de saber:
Mas do que vale a ciência deste mundo
Sem a Deus se temer?

Mais lucra o camponês que, humildemente,
Dá-lhe os serviços seus,
Que o soberbo filósofo esquecido
De si, que aplica todo o seu sentido
Só no curso dos céus.

Quem de si justa idéia faz, se julga
Tão vil, tão sem valor,
Que não se regosija, não se alegra
Com o humano louvor.

Soubesse eu tudo o que no mundo existe,
Sem a graça de Deus
O que valera, si Ele há de julgar-me
Segundo os atos meus?

Quanto mais e melhor saber tiveres,
Tanto mais gravemente
Hás de julgado ser, si não viveres
Também mais santamente.

Barão de Vila Viçosa.

Advinhações e Charadas

1 — Uma caixa pequenina,
Mas que pode rebolar;
Todos a sabem abrir,
Ninguém a pode fechar.

Que é

2 — Qual é a coisa, qual
Que quanto mais se mira me-
nos se vê?

3 — Corre, corre, sem ter pés,
Dá-te na cara e não vês

Que é

4 — Segue de soledade o orgulho
1—2

5 — No meio da rua e em cima do
lampeão é bom 1—1.

6 — Na música a santa resplande-
cia 1—3.

NB — Uma coisa de bom ao melhor charadista.

O princípio da autoridade

Na sociedade civil a autoridade é a condição da ordem, da legalidade, da justiça, da própria existência. Não lhe discute o nome. Chame-se rei ou imperador, doge ou sultão, consul ou presidente; concretize-se numa individualidade física ou numa pessoa moral, pouco importa: a exigência é sempre a mesma, a necessidade é sempre inevitável. Sem governo tendes a desordem, a revolução, a anarquia, a morte. — Padre Leonel Franca S. J.

Bondade atrai bondade

Sede bons até o fundo d'alma e vereis os que vos cercam se tornarão bons até as mesmas profundezas.

Nada responde mais infalivelmente ao apelo secreto da bondade do que o secreto ao apelo da bondade vizinha. — Maeterlinck.

A água

Um dos mais preciosos elementos de que a natureza é dotada, é sem dúvida a água.

Sem ela, que seria da existência!

A higiene corporal nos obriga a usar dela diariamente.

Isso para o corpo.

E para a alma?

Para ela temos o sacramento da confissão instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um elemento deve andar ao lado do outro.

Assim como a água é útil para o corpo, o é a confissão para a alma.

Usemos de ambos para a nossa felicidade.

Piratiniva.

Folhetim do Liceu

vlla está deserta. Fugiu sem capa e sem chapéu, corre sem olhar para traz e o seu passo ressoa no solo. As paredes das casas sem luz, parece m queimá-lo. Agora está fora no campo emudecido, que se faz deserto e se cobre de mato e canta baixinho com águas escuras. Parece pe seguido. Já passou a ponte e tomou por um atalho difícil.

Para a uma fonte e lava as mãos sujas de sangue. Bebe. A agua lhe dá frio nos ossos. Sente de repente a solidão tremenda, o terror do delicto. Vem-lhe á mente os seus três filhinhos, a esposa que os soldados despertarão com tortes golpes á porta. Parece-lhe ver agitar-se lá em baixo os archotes dos que lhe vêm ao encalço com as armas e forcas.

Foge ainda, prático que é das passagens e dos atalhos e a montanha lhe vem ao encontro com seu respiro da neve. Atravessa bosques, planicies, vales.

Está longe mas a angustia não lhe dá treguas: tem medo de ser preso; tem frio. Tem tanta vontade de chorar. Sente-se vil e culpavel.

Suave tilintar o faz empalidecer. Vê na sombra uma mancha branca e

morna duma grei encurralada. Ao rosnar dos cães inquietos que farejam o forasteiro, emerge ereto e firme o perfil de um homem.

Não são temiveis os pastores. Eles se locomovem de pasto a pasto, são mudos e confiados. Eurico pede um gole de leite e o obtém.

— Se subir ainda — diz o pastor — encontrará neve. — E lhe augura boa viagem.

O refugio alpestre para onde Eurico se dirige está ainda para lá de um pequeno outeiro. Há horas e horas que caminha e a aurora já está iminente. A subida e o passo lesto não bastam para dissipar o tremor de que se sente agitado. Vê, ao longe a um cume mais baixo um fogo de carvoeiros e sente um grande desejo de tocar o fogo. E' tentado de parar, de acender uma fogueira. Mas mesmo de longe se veria ainda. Chega ao refugio. Entra. Toca um monte de feno.

Um grande pesar lhe roi o coração e chora como criança.

Dorme um sono agitado. Acorda. Alguém bate á porta: — Quem é? pergunta. Quem é?

(Continua)

E' bom saber, que

O cão, dos animais domesticos, é o mais fiel... não fica selvagem.

Ele necessita, porem, viver junto do homem para servi-lo.

Quando morre o seu patrão... ele sente tanto!... fica triste!... chora varios dias, e depois procura de agradar a outro homem para conseguir ser recebido por subdito — é o caso de repetir com um escritor patricio: « entre amigos achei cachorros e entre cachorros achei amigos. »

P. C. Pindorama.

Ano IX

N. 5

**O
LICEU**

ÓRGÃO DO LICEU
DE ARTES E OFÍCIOS DE S. GONÇALO

CUIABÁ

MATO-GROSSO

NOVEMBRO - DEZEMBRO DE 1944

EM BUSCA DE AVENTURAS

(continuação)

A LUTA

Naquele momento suspendeu-se a música e a dança.

Dois homens dirigiram-se à casa guardada e lá, trocadas palavras com os negros, abriram a porta. Com sua imensa satisfação, Fogueira viu sair de lá, são e salvo o seu querido Mário.

E na escuridão da noite, se podia ver, a dentadura do negro, num sorriso de satisfação.

As negras da senzala, também estavam presentes.

Mário correu os olhos, para ver se descobria entre elas a figura alta e sofredora de sua mãe, mas debalde.

() Cel. aproximou-se; trazia um rapaz robusto, simpático, jovem e decidido...

— Sr. Mário; aqui está o seu rival; é novo mas é um dos melhores; é o seu primeiro adversário.

Mário olhou-o bem, e sentiu por êle um sentimento de simpatia e compaixão.

— Cel., é muito jovem; mande-me outro.

— Parece que está com receio?

— Sim; não me animo a lutar com êle.

Miserável, pensou o Cel., e chegando ao ouvido de Carlos, como se chamava o outro, disse lhe: nada de piedade; no sangue dele está a liberdade de tua mãe; desafia-o.

— Sr. Mário, disse Carlos, sinto pelo sr. o mesmo sentimento que o sr. por mim; mas a finalidade pela qual eu luto, faz-me passar por sobre tudo, e até por sobre a covardia. Vamos, tire logo a faca e não percamos tempo.

— "Está bem", disse Mário, agora mais resolvido do que antes a não matar seu adversário; caíndo a faca fora da roda, como se fará?

E o Felisberto: quem deixar cair a faca ficará sem ela, e continuará a luta.

— Podem-se usar as duas mãos?

— Naturalmente, exclamaram todos. Fogueira devorava a cena com os olhos mas não temia por Mário.

Este já se achava dentro do círculo e Carlos também. Mário percebeu que

seu adversário tremia mas era de emoção e não de medo. No seu rosto, divisava um sorriso nervoso e todos os traços de um heroísmo atirado.

O povo cerrou fileiras. Felisberto arrancou o revolver e deu o tiro; Mário calmamente esperou o golpe e Carlos também; passaram nessa espetativa uns segundos. Mário então simulou o ataque e Carlos desfechou-lhe um golpe no peito; ágil como raio aparou o golpe, agarrando com a esquerda o braço de Carlos, que resistiu como se fôra de ferro; uma faca foi lançada fora do círculo, era a de Mário, que fizera isso para com as duas mãos desarmar Carlos; e logo depois outra faca voava ao lado da primeira.

Agora achavam-se os dois sem armas; Felisberto mordida os punhos de raiva e Mário: — Coronel, creio que a primeira prova está terminada.

E Carlos com tristeza indefinível: perdi a unica oportunidade que tive de salvar minha mãe.

— O que? disse Mário, você lutava por sua mãe?

— Sim.

— E onde ela se acha?

— Aqui; no meio das escravas.

— Você então é Carlos, filho de D. Nina?

— Sim! Por que?

Então é que se entendeu a maldade do Felisberto. Mário tinha lutado contra seu irmão, e Felisberto fizera isso, para mais judiar de sua mãe.

— Carlos, disse Mário, você é meu irmão.

— Você é Mário?

— Sim e vim aqui para buscá-los.

Nesse momento saíu do grupo das escravas uma senhora magra, alta, com acentuadas rugas de profundo mas resignado sofrimento.

— Meu Deus; êste é o meu filho Mário; o coração me disse; eu vos agradeço, Senhor, por não terdes permitido êsse fratricídio. Não poupes vossa escrava, mas livrai das mãos do tirano a meus dois filhos.

E adiantava-se para êles.